


Os efeitos da violência em “Porco de raça” e “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”


The effects of violence represented in “Porco de raça” and “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”

Los efectos de la violencia representados en “Porco de raça” y “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”

Bella Beatriz Martins Gomes de Oliveira¹

 0000-0003-3851-8369

Wellington Furtado Ramos²

 0000-0002-3847-5760

RESUMO: A violência, eixo temático importante na Literatura Contemporânea, implica uma forma de discurso que transgredir as leis do texto canônico para criar um efeito de leitura mais imediato. O objetivo deste estudo é abordar os efeitos da violência representados nas obras literárias “Porco de raça”, de Bruno Ribeiro e “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, de Ana Paula Maia, por meio da Literatura Comparada. Optou-se, então, como abordagem metodológica, a revisão bibliográfica, de caráter qualitativo, realizada mediante pesquisa bibliográfica de textos acadêmicos em livros, revistas e bancos de dados online, como: SciELO, Elsevier e Scholar Google. A análise sobre a violência nessas obras literárias nos leva a refletir sobre a função da literatura. Com a multiplicação da violência literária, cresce a necessidade de inovar, o que leva a formas cada vez mais elaboradas de escrever, uma vez que a violência real se confunde com a violência representada.

PALAVRAS-CHAVE: Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos; Porco de raça; Literatura comparada.

ABSTRACT: Violence is an important thematic axis in Contemporary Literature that implies a form of discourse that transgresses the laws of the canonical text to create a more immediate reading effect. This study addresses the impact of violence represented in the literary works “Porco de raça”, by Bruno Ribeiro, and “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, by Ana Paula Maia, through Comparative Literature. As a methodological approach, a qualitative bibliographical review was chosen, carried out through bibliographical research of academic texts in books, magazines, and online databases, such as SciELO, Elsevier, and Scholar Google. The analysis of violence in these literary works leads us to reflect on the function of literature. With the multiplication of literary violence, the need to innovate grows, which leads to increasingly elaborate ways of writing since real violence is confused with represented

¹ Mestranda em Estudos de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: bellabeatriz0204@live.com

² Doutor em Letras. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: furtado.ramos@ufms.br

violence.

KEYWORDS: Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos; porco de raça; comparative literature.

RESUMEN: La violencia es un eje temático importante en la literatura contemporánea, que implica una forma de discurso que transgrede las leyes del texto canónico para crear un efecto de lectura más inmediato. Este estudio tiene como objetivo abordar los efectos de la violencia representados en las obras literarias “Porco de raça”, de Bruno Ribeiro, y “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, de Ana Paula Maia, a través de la Literatura Comparada. Como enfoque metodológico se optó por una revisión bibliográfica cualitativa, realizada a través de investigación bibliográfica de textos académicos en libros, revistas y bases de datos en línea, tales como: SciELO, Elsevier y Scholar Google. El análisis de la violencia en estas obras literarias nos lleva a reflexionar sobre la función de la literatura. Con la multiplicación de la violencia literaria crece la necesidad de innovar, lo que lleva a formas de escritura cada vez más elaboradas, ya que se confunde la violencia real con la violencia representada.

PALABRAS CLAVE: *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos; Porco de raça; Literatura comparativa.*

Introdução

Compreender os processos da realidade humana, por meio da literatura, tem sido um movimento constante da comunidade científica, especialmente para teorizar e estudar sobre os fenômenos históricos, sociais, antropológicos e filosóficos que permeiam a humanidade, mesmo que a partir da análise de narrativas ficcionais. De acordo com Souza (2018), a teoria da literatura, como ferramenta de análise das linguagens narrativas que participam dessa área, mobiliza a atenção de pensadores e críticos de todas as épocas, que especulam os sentidos e os efeitos de um determinado texto.

Assim, os estudos que analisam a experiência e a representação de atos de violência, em obras literárias e em outras artes, permitem que se possa analisar esse fenômeno, no decorrer da história, e seu impacto nas relações sociais. Com isso, entende-se que discutir a presença de formas de violência nas narrativas contemporâneas brasileiras é importante para acompanhar o processo evolutivo não apenas das estratégias narrativas utilizadas para relatar situações violentas, mas sobretudo para entender as manifestações sobre as violências experienciadas por comunidades marginalizadas no Brasil.

A violência, além de ser um eixo temático, também implica uma forma de discurso que, em alguns casos, transgredir as leis do texto canônico para criar um efeito de leitura mais imediato. Atualmente, a violência é mais nua, crua e explícita do que na literatura da geração do final do século XX, que, embora seja parte fundamental dos argumentos utilizados para construir os fenômenos narrativos atuais, além das críticas a essas obras, oculta a violência pela naturalização de algumas práticas sociais violentas, como o racismo e a homofobia.

No discurso contemporâneo, por outro lado, a violência urbana é protagonista, desempenhando um papel que responde às exigências de sua época. Além disso, percebe-se, nessa atual vertente da literatura, um vínculo entre sexo e violência, aparentemente ausente em textos literários anteriores, que sugeriam com naturalidade o papel da mulher como um sujeito que deveria ser submisso às vontades dos homens, e uma ressignificação dos espaços domésticos e urbanos.

Nesse sentido, num contexto sócio-histórico em que a violência se apresenta cada vez mais como uma alternativa possível de vida, desvendar as tramas literárias pode ser uma pista para entender o funcionamento, o tratamento e a exposição da violência pública e privada. Este estudo tem como objetivo abordar os efeitos da violência representados nas obras literárias “Porco de raça”, de Bruno Ribeiro, e “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, de Ana Paula Maia. Para que essa análise fosse possível, optou-se, como abordagem metodológica, pela revisão bibliográfica, de caráter qualitativo, realizada mediante pesquisa bibliográfica de textos acadêmicos em livros, revistas e bancos de dados online, como: SciELO, Elsevier e Scholar Google, que tratassem sobre a violência na Literatura.

Literatura e violência: a realidade cotidiana recriada por meio da linguagem

A língua, seja ela em sua forma verbal, escrita ou oral, é um elemento de extrema importância para a comunicação humana. Nesse sentido, o estudo da linguagem é fundamental para a compreensão do percurso da humanidade nesse âmbito, desde os processos de conversação/comunicação até a possibilidade de se

produzirem manifestações culturais em uma sociedade.

Essa materialização (da linguagem), além de promover a transmissão de informações, também é influenciada pelas comunidades que a utilizam, adaptando-se aos dizeres e aos fenômenos socioculturais. A Linguagem, como capacidade comunicativa verbal, articulada sintaticamente, com referência semântica, como a relação pragmática entre sujeitos reais, tem sua própria entidade intersubjetiva.

Dessa forma, ela não pode ser entendida como um objeto, uma vez que constitui a subjetividade de cada sujeito singular (neurológica, fenomenológica e culturalmente). Essa subjetividade torna-se, assim, uma condição de possibilidade da constituição efetiva e concreta da individualidade humana, que se desenvolve de maneira conjunta com o processo evolutivo biológico da espécie e a constitui em seu interior. Hipólito (2017), ao considerar esse contexto de formação biológica, destaca que o desenvolvimento das regiões corticais do cérebro humano é resultado de práticas linguísticas ao longo de milhões de anos, o que demonstra que a linguagem é o próprio palco da intersubjetividade.

Isso, contudo, não faz com que ela deixe de ser um instrumento também material, uma vez que os signos falados são produtos da corporalidade no meio físico, ou seja, ruídos especiais com significado, que estão, continuamente, constituindo um fenômeno intersubjetivo. É fato que a forma de se lidar com o mundo, por meio da Linguagem, determina sua própria constituição, como também evidenciam Walter Benjamin e Hannah Arendt, autores que abordam a Linguagem a partir de sua aplicação no cotidiano da sociedade, seja em seu viés político, seja em seu viés cultural-comunicativo.

As análises benjaminianas mostram que a Linguagem ocupa um papel importante na constituição do sujeito, visto que ela é um fenômeno intrínseco à vida do indivíduo e, por conseguinte, à comunidade com quem ele se relaciona, pensamento, esse, que é compartilhado por Gangnebin (1999). Por outro lado, Arendt (2009) nos revela a existência de uma relação entre a ação e o discurso, o que fica explícito em seu estudo sobre a condição humana. Entendemos, nesse sentido, que, sem o discurso, a linguagem perderia seu caráter comunicacional e,

assim, deixaria de influenciar no cotidiano da vida humana.

É válido destacar, então, a importância da linguagem na cultura e, por consequência, nas experiências do homem, por ser constituinte, constituída e produtora das relações sociais e dos fenômenos culturais, em um processo interacional metalinguístico que se manifesta por meio da expressão das vivências humanas. Enfim, devemos considerar que, na Linguagem, há muito mais do que formas linguísticas quando lidamos com a língua em funcionamento.

A partir dessas concepções, a violência encontrada na literatura faz, então, parte desse movimento constante de representação da humanidade, mesmo que, nesse sentido, ela seja a representação de uma realidade infeliz e brutal. De tal forma, sendo ela relacionada ao gênero, contra crianças e idosos, ou contra minorias raciais, é importante considerar, durante a leitura e a análise de narrativas literárias, que a violência, no cotidiano, ocasiona a desigualdade, além de diversas formas de segregação, uma vez que é exercida sobre os indivíduos mais “fracos” de uma comunidade, ou seja, aqueles que fazem parte das minorias sociais que conhecemos atualmente.

Entende-se, então, que, ultrapassados certos limiares, a correspondência entre mundo e linguagem se degrada a ponto de se tornar incompatível com a razão. Essa ideia, reformulada por Adorno (2008), na Teoria Estética, aponta que existe algo na dor que reluta à racionalidade, visto que esse modo de saber acredita poder determiná-la ou mesmo amenizá-la, pois, ao se conceituar o sofrimento, esse sentimento permanece mudo e estéril.

Assim, diante de horrores incompreensíveis, como os praticados por regimes fascistas, talvez só a arte seja capaz de adentrar e revelar, de forma mais concreta, tais trevas, porque o horror faz parte de sua consciência crítica. Não se deve, contudo, tentar atenuar esse horror, proveniente dos atos de violência contados e representados por meio da linguagem, com explicações catárticas. O horror deve entrar nas obras na forma de negatividade e de resistência, de modo que a arte, nesse caso a literatura, deve expor, com sua própria textura, essa violência formal.

Foucault (1996), em similar perspectiva, referindo-se à dupla relação que o discurso mantém com a verdade e o poder, pontua que essa área, a partir de seus

instrumentos narrativos, é responsável por revelar à sociedade os temas mais obscuros, os piores e intoleráveis segredos da humanidade, mesmo que indizíveis. A literatura é, dessa maneira, consagrada a dizer o indizível, transgredindo todos os limites e regras, colocando-se em um posicionamento fora das leis autoritárias, assumindo um papel que causa escândalo e revolta.

A literatura, apesar de se estabelecer como ficção, como artifício, empenha-se em produzir efeitos de verdade, por meio da verossimilhança, mais do que qualquer outra forma de linguagem. Desse modo, nota-se que a linguagem literária, em um movimento contínuo, tende a se tornar na fala da infâmia, visto que as narrativas ficcionais não são completamente opostas aos relatos verídicos de uma determinada situação, mas, sim, uma obra com linguagem e sentido, que os apresenta com novas faces.

Santos (2014), nesse contexto, indica que

[...] a necessidade de se comunicar é inerente ao ser humano e ele o faz das mais diferentes formas, verbal ou não verbalmente. E essa necessidade deveria se encaminhar rumo ao desejar-ser, ao desejar-poder, buscando algo como o diálogo consigo mesmo, que poderá levar a um diálogo melhorado / aperfeiçoado com o outro. A instável estabilidade da realidade, seja ela empírica, seja ela construída ficcionalmente, garante a sobrevivência e a sistematização do conhecimento humano em suas várias dimensões, não desprezando a diversidade de temas que pululam pelo mundo afora, como o são a violência, o sentido do horror e a necessidade contínua de compreensão da ética, temas estes sempre em mutação (Santos, 2014, p. 6).

As ficções não apenas se referem ao mundo, mas fazem parte dele, interagindo e modificando-o. A arte, então, não pode mais ser concebida como uma mera imagem ou representação acabada e alheia à realidade, porém, como uma oblíqua de captura de evento que produz verdades, uma vez que as obras literárias que o compõem participam da construção da realidade, sendo mais do que um simples efeito dramatizado dos acontecimentos.

Considerando essa realidade da arte, entende-se a necessidade de estudar os procedimentos por meio dos quais essa articulação da violência é produzida na literatura. A partir dos pensamentos benjaminianos, nota-se que abordar esses contextos de violência assemelha-se a um recurso de superação de conflitos, de

modo que, a autoridade do narrador se baseia na sabedoria coletiva, que está definindo,

[...] porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um ‘sintoma de decadência’ ou uma característica ‘moderna’. Na realidade, esse processo, que expulsa gradativamente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (Benjamin, 1986, p. 200-201).

Pereira (2006) demonstra que uma narrativa

[...] se compõe do acolhimento de experiências diversas que constituem a trama da tradição: a sua experiência, a experiência daqueles que ele ouviu e a experiência daqueles a quem sua obra se dirige. É a isso precisamente que se deve a sua sabedoria e, por conseguinte, a sua autoridade. [...] A narração, ao restaurar o passado, atualiza o presente, presentifica a ausência do tempo. [...] O saber de que dispõe o narrador não é, todavia, meramente técnico e nem tampouco um saber de si autorreferencial. Sua sabedoria implica no conhecimento histórico de formação de si em meio a um coletivo, do conhecimento das práticas, dos ritos e valores compartilhados e transmitidos pela tradição aos indivíduos (Pereira, 2006, p. 69).

A autoridade do narrador ocorre, então, devido ao fato de as experiências, que ele conta, estarem vivas no passado, na tradição e no conhecimento histórico de caráter coletivo. No caso dos relatos de violência, por se basearem em aspectos subjetivos dos sujeitos que a sofrem, as narrativas respaldam-se em um conceito instrumental de violência e, conseqüentemente, na hipótese de que ela sempre cria ou preserva alguma forma de poder. Um exemplo disso pode ser observado, segundo Benjamin (1986), no Shoah, isto é, na calamidade sofrida durante o regime nazista, em que esse poder se detém no militarismo, que funciona como um sistema que implica o uso metódico e universal da violência como meio de controle e dominação do Estado.

A brutalidade visceral explícita na literatura brasileira contemporânea

Para compreender a literatura realista é preciso primeiro considerar que, nas obras que se encontram nesse rol,

[...] a verossimilhança com a realidade é destacada em situações que acontecem de fato ou que aconteceriam, a identificação do público com o que é representado é precisa. Contudo, a verossimilhança não é a mais absoluta de todas as características que compõe o realismo, como grosso modo se pensa, quando pensamos no conceito do realismo e/ou da realidade, também devemos pensar no afastamento da imitação[...] (Benatti, 2020, p. 16).

A partir dessa afirmativa de Benatti (2020), infere-se que as obras realistas dependem da verossimilhança, apesar de essa não ser a única característica que as compõe, visto que, nelas, encontra-se um afastamento da *mimesis*, proposta por Aristóteles, isto é, da pura imitação da realidade, o que nos permite entender que o intuito do artista, nesse caso do escritor/poeta, não é simplesmente narrar os fatos acontecidos, mas representar os possíveis acontecimentos, tendo como base a realidade em que se vive.

Com isso, percebe-se que a literatura brasileira contemporânea, permeada pelos pensamentos realistas, provenientes da corrente literária em que algumas obras de Machado de Assis se encontram, apresenta não só os fatos cotidianos vivenciados por diversos brasileiros, mas, principalmente, a violência que existe na vida dos sujeitos historicamente inferiorizados e que também vista na literatura há muitos séculos. Essa violência é, muitas vezes, apresentada de forma brutal, explícita e visceral, sem a tentativa de amenizar ou romantizar, para o leitor, as situações que acontecem, de modo que, para Pellegrini (2020, p. 6-20),

[...] a ânsia de representar o real, em arte e literatura, foi sempre uma forma de expressar o desejo humano de se apropriar da concretude das coisas, com incidência, intensidade e características diversas ao longo da história, até desembocar no movimento artístico definido e organizado sob o nome do próprio fenômeno: Realismo. [...] a estética realista repousa sobre um pacto de leitura entre o autor e o leitor, de acordo com um conjunto de regras, do qual as principais são: a dignidade do real compreendido como objeto de conhecimento; sua reprodutibilidade pela linguagem e a adesão do leitor à verdade da informação proposta pela ficção. [...] Ou seja, toda a complexa problemática realista reduz-se a uma questão de linguagem, de organização discursiva pura e simples.

Essas condições, de construção representativa por meio da linguagem, são visíveis, no Brasil, desde o início dos movimentos literários do país, com especial atenção, neste caso, para a literatura realista brasileira. Essa corrente literária proporcionou um grande salto para a literatura do país, contrapondo os fenômenos discursivos do romantismo, com a proposição de influenciar e representar de maneira mais verossímil a vida das populações aqui estabelecidas, podendo destacar-se as obras de Machado de Assis que dão maior ênfase, nesse período inicial do realismo no Brasil, a temáticas, como: o preconceito, a loucura, a vida, a morte, o casamento, a família, as diferenças sociais.

Com a influência desses pensamentos, encontram-se, em narrativas mais recentes, escritas após o movimento autoritário da ditadura no Brasil, desde a primeira página, um enfoque, por parte dos autores, sobre a violência e suas raízes na ascensão do bipartidarismo de meados do século XIX, que provocou crises de descontentamento na população, levando escritores e compositores a registrarem tais eventos em seus romances, músicas e poemas.

Os conceitos de poder e de violência, provenientes de sistemas ditatoriais, para Hannah Arendt (2011), são fundamentalmente opostos, visto que enquanto um domina, o outro está absolutamente ausente, isto é, a violência surge somente em situações em que o poder está em perigo. Tal paradoxo, observado pela autora, demonstra que, uma vez abandonada a sua lógica e o seu próprio impulso, a violência pode danificar o próprio poder que deveria defender, de modo que, apesar de ser capaz de destruí-lo, é absolutamente incapaz de criá-lo.

Ao comparar os conceitos de violência em regimes autoritários, tratados por estudiosos como Arendt, Adorno e Horkheimer, Fernandes (2022, p. 17) acentua que

[...] o totalitarismo é, para Arendt, algo inaudito não simplesmente pela sua violência, mas pela meta de destruição do humano. Adorno e Horkheimer, distintamente, buscam destacar uma continuidade na violência que teria prevalecido ao longo da história e imbricada na relação dos sujeitos consigo mesmos. Para ela, a negação da liberdade e a relação de dominação radicalizada resultam de um processo contingente, de uma constelação de eventos históricos que poderia ter sido interrompida em muitas oportunidades; para eles, estas tendências já vinham permeando a história, inicialmente vinculadas à escassez material e na atualidade como forma social obsoleta.

Tal fato, infelizmente, pode ser entendido como uma ausência de considerações, nos pensamentos de Adorno, anteriormente descritos, de que a desigualdade e seus derivados, como a exploração, a miséria, a submissão etc., como formas de violência. Para além do interesse que essas indagações filosóficas possam ter, percebe-se quão estagnada é a perspectiva adorniana, pois, ao se tratar sobre tortura, estupro, sequestro de crianças, extermínios em massa, pessoas desaparecidas, então, abstrações como o uso de coerção violenta para fins legais tornam-se, no mínimo, insuficientes.

Por outro lado, enquanto o autoritarismo, decorrente de movimentos ditatoriais e conservadores, restringe a opinião pública através da censura e da perseguição, a literatura torna-se o espaço que aposta no horror repressivo, recorrendo frequentemente a recursos inovadores, face à perda de validade da retórica do realismo.

Esses mecanismos formais de ruptura que operam sobre a própria linguagem, em busca de uma ação mais decisiva do que a da mera representação, não só desacreditam definitivamente a dicotomia forma-conteúdo, como estabelecem vínculos cifrados com outras formas de violência, tanto físicas quanto psicológicas, o que se encontra de forma explícita nos textos realistas da Literatura Brasileira Contemporânea, como é o caso das obras de Ana Paula Maia e de Bruno Ribeiro.

Um dos elementos característicos da literatura da violência, como os encontrados nessas narrativas, que hoje se apresentam como uma “nova faceta” da literatura contemporânea brasileira, é que ela desloca a representação literária para espaços, sujeitos e falas marginais, o que, segundo Pellegrini (2012), pode ser compreendido como uma novidade nas relações estabelecidas entre a violência e sua representação, devido a

[...] sua concretude e seus modos de manifestação: tanto a violência real quanto a representação violenta, via realismo, parecem vir de toda parte, atingindo os mais diferentes segmentos sociais e eclodindo em qualquer contexto. Enquanto representação, afirma-se como elemento discursivo e estilístico peculiar à contemporaneidade; brota com ímpeto e incidência antes insuspeitados, traduzindo, inclusive, subjetividades diferentes das tradicionalmente envolvidas com arte e literatura, e indicando, em letras e imagens, uma espécie de “normalização” estética do lado mais trágico da sociedade brasileira, por meio da insistente reiteração do conflito, do

confronto e mesmo da crueldade e da barbárie (Pellegrini, 2012, p. 38-39).

Com esse fenômeno, nasce o romance da Violência, que passa de um testemunho de pouco valor literário para uma produção que vai literaturizando a violência e conduzindo a realidade social do país a uma significativa estrutura literária. Os autores, nesse sentido, criam uma obra de arte eminentemente comprometida, na qual narram uma série de acontecimentos que dependem da verossimilhança com a realidade de diversas pessoas. Essa narração se transfere para os leitores, tornando-os claramente agressivos e, assim, partícipes de muitas tragédias recalçadas pela violência cotidiana.

Os efeitos da violência em “Porco de raça” e em “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”

Considerando-se os conhecimentos movimentados sobre a linguagem e a literatura como formas de representatividade da vida e, conseqüentemente, da violência no cotidiano da sociedade, destacam as obras “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, de Ana Paula Maia, publicada em 2009, e “Porco de raça”, de Bruno Ribeiro, publicada em 2021. Ambos os autores trabalham uma temática em comum, muito importante para analisar a estrutura em que a literatura brasileira se estabeleceu, sendo ela a violência estrutural que permeia a nossa sociedade, desumaniza e, até mesmo, animaliza o sujeito marginalizado.

A obra de Ribeiro, escrita em forma de romance e com ilustrações que auxiliam em sua construção visceral, nos apresenta um professor fracassado, negro, que perdeu as oportunidades proporcionadas por seus familiares, os quais vivem no meio político, por não compactuar com a submissão deles às vontades de uma comunidade que prega a supremacia branca, vendo-os, por serem negros, como seres inferiores, que precisam seguir às regras e às tendências impostas por esse grupo ‘seleto’, constituído de homens brancos, conservadores e ricos. Na trama proposta por Ribeiro, ironicamente, o protagonista, que só é nomeado quando se torna o Porco Sucio, acaba se encontrando em uma situação subversiva e violenta,

que não só o desumaniza, mas, também, o animaliza, tornando-o uma besta, um porco sujo criado, exatamente para entreter a esses homens brancos, como um bicho de circo, um porco de rinha, que precisa lutar contra outros animais para sobreviver.

Já a obra de Maia é composta por duas novelas: *O trabalho sujo dos outros* e “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”. Interessa-nos, neste estudo, a segunda narrativa, de mesmo nome da obra publicada pela autora, uma vez que essa novela e o romance de Ribeiro se assemelham não só na brutalidade e na visceralidade apresentadas em ambas as narrativas, mas também nos símbolos utilizados pelos autores. A novela de Maia apresenta-nos Edgar Wilson, um homem bruto, rústico, que trabalha como açougueiro em um pequeno mercado, onde, nos fundos, mata e limpa os porcos que vende, sem qualquer fiscalização sanitária. O personagem vive da mesma forma com que abate esses animais, sem remorso, restrição ou supervisão, matando aqueles que tentam prejudicá-lo e, assim como Porco Sucio, luta para sobreviver em um mundo que não o percebe como um ser humano passível de compaixão ou empatia, e que vive à margem da sociedade.

Para analisar, então, os efeitos da violência representados nas narrativas das obras “Porco de raça”, de Bruno Ribeiro, e “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, de Ana Paula Maia, é preciso entender que a agressividade, isto é, a violência experienciada pelos personagens, depende, não só de fatores externos ou que sejam causados pelas mazelas sociais, mas também como uma manifestação interna.

Nesse sentido, a agressividade é definida por Arendt (2011, p. 79) como um impulso

[...] instintivo, diz-se que ela representa o mesmo papel funcional, no âmbito da natureza, que os instintos sexuais e os de nutrição do processo vital do indivíduo e da espécie. Mas diferentemente desses instintos, que, por um lado, são ativados por necessidades corporais prementes, e, por outro, por estímulos externos, os instintos agressivos no reino animal parecem ser independentes de tal provocação; ao contrário, a falta de provocação conduz aparentemente à frustração do instinto, ao ‘recalque’ da agressividade, que de acordo com alguns psicólogos, causa o bloqueio da ‘energia’ cuja conseqüente explosão será extremamente perigosa [...] Segundo essa interpretação, a violência sem provocação é ‘natural’; se ela perdeu sua rationale, basicamente, a sua função na autopreservação,

tornou-se ‘irracional’, e essa é supostamente a razão pela qual os homens podem ser mais ‘bestiais’ do que outros animais.

Essa violência está presente tanto nos textos de Maia (2009), cujo estilo é conformado por narrativas repletas de violência, apresentadas em ambientes rústicos, sujos e marginais, em que homens rudes e animais se equiparam, quanto no texto de Ribeiro (2021), em que se encontra uma dinâmica similar, porém que difere na representação de um personagem que é marginalizado não apenas pelo ambiente explicitamente violento em que vive, mas principalmente pelas situações que experiencia por ser homem negro e professor, sem um lugar para chamar de seu. Em “Porco de raça”, de Ribeiro, a narrativa paira entre o grotesco e o insano da história, apresentando personagens surreais, que se fazem presentes em cada linha escrita. No decorrer do romance, o personagem principal é jogado no ringue, onde luta, mata, sobrevive, no horror de uma violência sem limites.

A novela “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, assim como outras obras de Maia, apresenta uma história violenta e de caráter predominantemente masculino, e se passa em cenários institucionais ocupados por homens, como, minas, penitenciárias e matadouros. Em suas obras, Maia nos revela seus personagens em ambientes de um universo violento e violentado, são indivíduos bestializados pelo poder capital e pela miséria de suas vidas.

Um exemplo disso pode ser observado no seguinte trecho, retirado do Capítulo 5 – Porcos são incapazes de olhar para o céu, em que são apresentadas algumas características de Edgar Wilson, o protagonista de “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, em comparação às de um cão de rinha:

Cão de rinha é um cão que não teve escolha. Ele aprendeu desde cedo o que seu dono ensinou. Podem ser reconhecidos pelas orelhas curtas ou amputadas e pelas cicatrizes, pontos e lacerações. Não tiveram escolhas. Exatamente como Edgar Wilson, que foi adestrado desde muito pequeno, matando coelhos e rãs. Que carrega algumas cicatrizes pelos braços, pescoço e peito. São tantos riscos e suturas na pele que não se lembra onde conseguiu a metade. Porém a marca da violência e resistência à morte de outros animais nunca tiram o brilho de seus olhos quando contempla um céu amplo. Dia ou noite, ele passa boa parte do seu tempo olhando para cima. Quem sabe espera que alguma coisa aconteça no céu ou com o céu [...] talvez queira retalhar algumas nuvens com seu facão (Maia, 2009, p. 69-70).

E, na sequência, às de um porco:

Apesar de ter sido criado feito cão de rinha, aprendeu que isso é melhor do que ser um porco. Isto porque porcos não podem olhar para o céu. Eles não conseguem. Anatomicamente, porcos foram feitos para olhar basicamente para o chão e se alimentar do que nele encontrarem. Edgar sabe que é um cão de briga criado para matar porcos, coelhos e homens. Porém, do porco tudo se aproveita. Coelhos podem ser comidos com azeitonas verdes e amêndoas. Para os homens oferecemos uma missa. Eles nos dão a chance de acender uma vela e rezar (Maia, 2009, p. 70).

A partir desses excertos, nota-se que Edgar Wilson se reconhece como um cão de rinha, ou seja, como um sobrevivente da batalha diária de um açougueiro, marginalizado e violentado. O personagem reproduz, durante a novela, aquilo que aprendeu para se manter vivo, como foi treinado para fazer desde sua infância, abatendo coelhos e rãs, que, agora, se tornaram porcos e homens. Edgar mata esses seres sem pensar duas vezes, sem melindres ou remorso. Todos, para ele, não passam de animais prontos para o abate, seja para que ele consiga cumprir com seus compromissos e se sustentar, seja para que possa lavar sua honra, como todo ‘homem de bem’ o faria.

Apesar dessa característica íntima e visceral, o personagem ainda carrega consigo uma certa humanidade, que se apresenta por seu pavor a galinhas, o que Maia descreve como “[...] um raro tipo de aversão irracional, desproporcional, mórbida e persistente [...]” (Maia, 2009, p. 70), pela vergonha que carrega por esse sentimento e pela preocupação que sente por seu amigo, colega de trabalho e cúmplice, Gerson.

Em “Porco de raça”, por outro lado, encontramos um sujeito sem identidade, com sua humanidade já fragmentada pelos constantes fenômenos do preconceito contra sua cor. O personagem inicia sua história afirmando para o leitor que, no mundo em que vive, os fracos “não costumam bater, mas aprendem desde cedo a apanhar” (Ribeiro, 2021, p. 21). A partir desse discurso, é possível entender que, nessa realidade, tão violenta a ponto de se tornar distópica, apenas os fortes conseguem sobreviver, enquanto os fracos sofrem, apanham e se tornam seres objetificados e marginalizados, suportando tapas e chicotadas que se perpetuam

historicamente para resistir a esses tormentos.

Porco Sucio, nesse sentido, observa que essas bordoadas e socos

[...] deslocam maxilares e quebram dentes, detonam lábios, fraturam crânios, causam dano cerebral, rompem artérias, afundam o nariz e arregaçam sobranceiras; há socos bem dados que transformam orelhas em ostras e socos com efeito retardado, como esse que recebi dela, que destroçam o inconsciente. É isso. O soco da puta causou em mim uma mistura de despertar com adormecer. Um pulo de ponta no pântano da memória: estou dormindo ou estou morto? (Ribeiro, 2021, p. 21).

Percebe-se, com isso, que esses indivíduos, tanto Porco Sucio, como Edgar Wilson, são vítimas e também agressores, sofrem e causam as violências apresentadas pelas narrativas. Isso marca intensamente suas vidas, que, como se pode verificar durante toda a trama de ambas as obras, é profundamente marcada por elementos de violência, rasgando suas peles, criando hematomas, contusões e muitos outros ferimentos, que são tão profundos a ponto de atingir e quebrar suas almas e suas mentes. O impacto dos socos de Porco Sucio ou, até mesmo, o facão sob medida e extremamente afiado de Edgar Wilson não são tão perturbadores quanto as palavras ardilosas e habilidosamente escritas por Bruno Ribeiro e Ana Paula Maia, que perturbam seus leitores enquanto lhes arrancam as vísceras e, principalmente, o coração.

Nesse estilo de escrita, uma vez delimitado o conflito e indicada a abordagem feita pelo autor, é que surge o romance de Violência como uma narrativa que se realiza a partir de alguns fatos que, certamente, bestializam o homem. O leitor adentra, então, em locais pesadelescos onde matar homens ou animais é um ato banal. A violência se confirma quando é feita a leitura de “Porco de raça”, de Bruno Ribeiro, e de “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, de Ana Paula Maia, assim como em outros textos dos autores, despertando o imaginário do leitor, não em linhas e letras, mas situando-o em cenários de imagens eminentemente brutais.

Considerações finais

A partir dessas reflexões sobre a violência na atual literatura brasileira e os

efeitos dessas atrocidades do cotidiano representadas por meio da linguagem, nota-se a necessidade de maior engajamento ao interesse político e literário dessa representação da violência na literatura. Os estudos que analisam essa experiência assombrosa, em obras literárias, assim como em outras artes, permitem que sejam feitas análises desse fenômeno no decorrer da história e seu impacto nas relações sociais.

Por esse motivo, estudar sobre a literatura contemporânea brasileira, a interferência da brutalidade cotidiana nela e os efeitos da violência representados nas obras literárias, como as aqui analisadas “Porco de raça”, de Bruno Ribeiro, e “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, de Ana Paula Maia, é essencial para desvendar as tramas literárias e se torna uma pista para entender o funcionamento, o tratamento e a exposição da violência pública e privada.

A análise sobre a violência nessas obras literárias nos leva a refletir sobre a função da literatura. Com a multiplicação da violência literária, percebe-se a necessidade de inovar, o que leva a formas cada vez mais elaboradas de escrever, fato que, no entanto, não faz desaparecer suas manifestações mais cruas, uma vez que a violência real se confunde com a violência representada.

Referências

ADORNO, T. W. *Teoria estética*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.

ARENDT, H. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ARENDT, H. *Sobre a violência*. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BENATTI, A. R. Aspectos do realismo e da violência na literatura. *Fólio*, Vitória da Conquista, v. 12, n. 1, p. 12-29, jul. 2020. DOI 10.22481/folio.v12i1.6179. DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v12i1.6179>.

BENJAMIN, W. Crítica da violência, crítica do poder. In: BOLLE, W. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*: escritos escolhidos. Tradução de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa. São Paulo: EdUSP, 1986. p. 160-175.

FERNANDES, S. A política em face ao nacional-socialismo: um confronto entre Arendt e a teoria crítica de Adorno e Horkheimer. *Sofia*, Vitória, v. 11, n. 2, p. 1-23,

jul. 2022. DOI: <https://doi.org/10.47456/sofia.v11i2.37414>.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GANGNEBIN, J. M. *História e narração em W. Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

HIPÓLITO, I. Anatomia da linguagem: podemos compreender jogos de linguagem a partir de redes corticais?. *Kairos*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 84-109, 2017. Disponível em: <https://sciendo.com/article/10.1515/kjps-2017-0004>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MAIA, A. P. *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*: duas novelas. Rio de Janeiro: Record, 2009.

PELLEGRINI, T. De bois e outros bichos: nuances do novo realismo brasileiro. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, DF, n. 39, p. 37-55, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/WMT3bLDTdxBKpcwX5byWcMf/?lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2023.

PELLEGRINI, T. *Realismo e realidade na literatura*: um modo de ver o Brasil. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2020.

PEREIRA, M. A. Saber do tempo: tradição, experiência e narração em Walter Benjamin. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 61-78, jun./dez. 2006. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v31n02/v31n02a05.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

RIBEIRO, B. *Porco de raça*. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021.

SANTOS, R. C. Z. Horror e violência: uma (nova) perspectiva ética nas literaturas de língua portuguesa. *Nonada*: letras em revista, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. maio/set. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451668004.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SOUZA, R. A. *Teoria da literatura*: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2018.

Recebido em: 24 abr. 2024.
Aprovado em: 12 ago. 2024.

Revisor de língua portuguesa: Paulo Roberto Braga Junior
Revisora de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi
Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho

